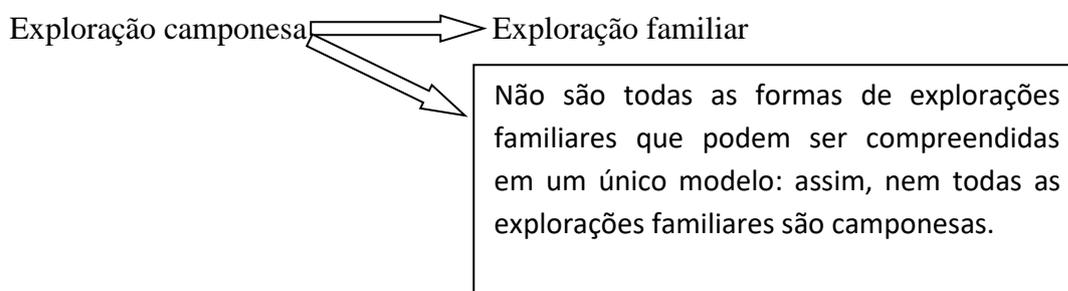


## Como definir a agricultura familiar?

Hugues Lamarche, autor do livro *A agricultura familiar, comparação internacional* desenvolve estudo sociológico sobre a exploração familiar, a qual está presente em qualquer sistema sociopolítico que haja produção agrícola com troca. A exploração familiar é compreendida por este autor como “*uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família*”. Nesta linha, de acordo com Abramovay (1997), a agricultura familiar se estabelece associando gestão, propriedade e trabalho envolvendo indivíduos que possuem laços de sangue entre si. Outros autores consideram que a integração entre gestão e trabalho na unidade de produção é a chave para definir a agricultura familiar (GUANZIROLI e CARDIN, 2000).

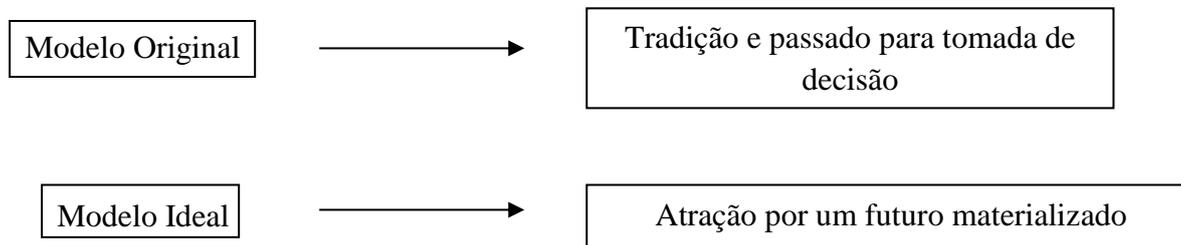
Por outro lado, Lamarche lembra que Tchayanov define um modelo camponês a partir da interligação entre a organização da produção e a necessidade de consumo da família. Assim, o trabalho não é realizado visando lucro (o trabalho não é quantificável em termos monetários). Desta maneira, o objetivo desta unidade familiar é produzir valores de uso e não valores de troca.

Outro autor mencionado por Lamarche é H. Mendras que considera o tipo ideal de sociedade camponesa como caracterizado por sua autonomia, importância estrutural do grupo doméstico, sistema econômico de autarquia relativa e intenso inter-relacionamentos. Este autor ainda destaca a função decisiva das personalidades de prestígio, por estarem notadamente encarregadas de estabelecer uma relação entre a sociedade local e a geral. Dessa forma, essas características que envolvem a sociedade camponesa podem ser vistas a partir de unidades de produção agrícola fundadas na exploração camponesa, que é familiar.



As explorações familiares são compostas por grupos sociais heterogêneos, com diferentes capacidades de apropriação e desenvolvimento dos meios de produção (tal como a mecanização).

O funcionamento da exploração familiar é considerado por Lamarche dentro da seguinte dinâmica:



Nesta ótica, Lamarche propõe que as explorações familiares foram capazes de se adaptarem às novas exigências que surgiam de acordo com os mais diversos contextos (como instabilidades climáticas, coletivização de terras e mutação sociocultural determinada pela economia de mercado). Diante desta constatação, levanta a hipótese de que, nas sociedades dominadas pela economia de mercado, quanto mais a exploração familiar estiver próxima dos modelos extremos, menos ela poderá se acomodar às restrições ou crises. Por esta razão, mais dificuldades teria de assegurar sua reprodução.

Segundo Lamarche (1993, p. 24), a exploração familiar deve ser analisada em seu conjunto. Compreender seu funcionamento significa colocar em evidência as diferentes lógicas em função das quais o agricultor determina suas escolhas fundamentais. Estas lógicas se definem em relação a determinado sistema socioeconômico.

A agricultura familiar, enquanto fenômeno bastante generalizado, funda-se com diferentes graduações em sua herança histórica camponesa. Desta perspectiva analítica, convém realçar que o Estado foi determinante na moldagem da atual estrutura social do capitalismo agrário das nações centrais. Esta intervenção do Estado tornou a agricultura familiar altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder às políticas governamentais. Assim, não pode ser nem de longe caracterizada como camponesa, apesar de alguns de seus traços lembrarem sua origem camponesa.

Com efeito, a agricultura familiar apresenta grande capacidade de adaptação em à economia de mercado, produzindo para satisfazer as necessidades essenciais da sociedade. Porém, os agricultores familiares podem conhecer bloqueios para realizar as adaptações necessárias, como em situações de acesso a crédito negado. A ruptura ocorre quando o modelo ideal é profundamente antagônico à forma predominante de agricultura familiar em determinado contexto, tal como no caso da exploração camponesa nas sociedades industrializadas.

É oportuno aqui apresentar outra categorização de agricultura familiar para ampliar horizontes em relação ao tema. Nesta perspectiva, Almeida (1990) propõe uma classificação relativamente original para a agricultura familiar:

I) Família agrícola de caráter empresarial → realização de uma produção orientada para o mercado, visando satisfação de índices de rentabilidade e de produtividade crescentes.

II) Família camponesa → privilégio para o esforço de manter a família em determinadas condições culturais e sociais, com a manutenção da propriedade familiar e da exploração agrícola. Aqui, a família é um valor que se impõe à produção, de forma indissociável da propriedade.

III) Família agrícola urbana → fundada em sistema de valores próprios que orienta a produção agrícola, não em função do lucro e da produtividade crescentes, mas para a melhoria da qualidade de vida, sem deixar de considerar a realidade do mercado e obviamente a capacidade de retorno com termos de rendimento.

Esta categoria provocou muita discussão em sala de aula. Um dos grupos considera de maneira pertinente que a localização na área urbana leva a um contato muito maior com o mercado em relação à família agrícola no meio rural. Portanto, parece adequado situar estas famílias agrícolas urbanas num ponto intermediário da escada de Lamarche, mais próximo do modelo ideal do que do modelo original, por sua maior possibilidade de integração com o mercado das cidades.

Por fim, convém mencionar que, na esfera governamental, a agricultura familiar foi incluída como categoria de política pública na década de 1990, quando foi lançado o PLANAF (Plano Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), que precedeu o lançamento, em 1995, do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), tratando-se do principal apoio aos agricultores familiares no Brasil. Essa conquista para a agricultura familiar é parte das legítimas reivindicações dos trabalhadores rurais para melhorar suas condições de produção. Assim, após muito tempo de descaso, a agricultura familiar passou a ter lugar de destaque no contexto da agricultura brasileira. Como sugere Lamarche, a exploração familiar é ao mesmo tempo *uma memória, uma situação, uma ambição e um desafio*, o que permite pensar em suas diferentes contribuições ao desenvolvimento nacional.

### **Referências bibliográficas**

ABRAMOVAY, Ricardo (1992), *Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão*. São Paulo: Hucitec e Campinas: UNICAMP.

ALMEIDA, Moacir, J.C.P (1990), “O desenvolvimento da atividade agrícola e o meio ambiente no Brasil”. *Reforma Agrária*, Campinas, v. 20, nº 1/3, pp.13-22.

GUANZIROLI, Carlos Enrique e CARDIM, Silvia Elisabeth (2000), *Novo retrato da agricultura familiar, o Brasil redescoberto*, Brasília: INCRA, Ministério do Desenvolvimento Agrário.

LAMARCHE, H. (1993), *A agricultura familiar: uma realidade multiforme*. Campinas: Editora da Unicamp.

